

RAZÕES DE ENTRADA PARA UM LAR DE IDOSOS

JOANA PINTO RODRIGUES
UNIVERSIDADE DO MINHO

Investigação apoiada pelo Sub-programa Ciência e Tecnologia do 2º Quadro Comunitário de Apoio.

A presente comunicação tem por objectivo analisar a problemática relativa às principais razões que estão na origem da entrada dos idosos para um lar. Para tal, é importante compreender o período da trajectória de vida que antecede o ingresso dos utentes. Esta temática insere-se no âmbito de uma investigação mais vasta na qual se procura analisar a vivência da situação de velhice num lar de idosos no distrito do norte de Portugal.

O lar de Vila da Pena, local onde o trabalho de campo que está na base da investigação foi realizado, é uma instituição que presta serviços essencialmente aos habitantes do concelho onde se encontra localizado e ainda a utentes provenientes de concelhos limítrofes. Este lar acolheu, durante o período em que a investigação se realizou (Outubro de 1996 a Novembro de 1997), 88 utentes, na sua maioria, naturais e residentes no concelho de Vila da Pena. Destes, 56 são mulheres (correspondentes a 64% dos utentes) e 32 são homens (correspondentes a 36% dos utentes). A média de idades destes utentes à entrada para o lar era de 72,5 anos. As mulheres apresentam contudo idades superiores relativamente aos homens. As primeiras possuem, em média, 75 anos. Os segundos possuem, em média, 68 anos. É importante contudo considerar que, apesar do lar se apresentar como uma instituição de acolhimento de idosos (89% dos utentes possui idades superiores a 65 anos), 10 dos seus utentes possuem idades inferiores a 65 anos. Destes últimos, todos possuem problemas de saúde que os colocam de alguma forma dependentes do apoio prestado por outros.

Relativamente ao estado de saúde da generalidade dos utentes no momento de entrada para o lar, é importante considerar que cerca de 15 se encontram numa situação de invalidez total (3 homens e 12 mulheres, o que corresponde a 17% dos utentes). Com um grau de autonomia elevado, que lhes permite realizar todas as tarefas sem necessidade de apoio auxiliar, encontram-se cerca de 62 utentes. Numa posição intermédia encontram-se cerca de 11 utentes que, ainda que se desloquem sozinhos, estão dependentes do apoio das funcionárias ou de outros utentes, uma vez que denotam problemas do foro neurológico. O estado civil dos utentes do lar é outra dimensão importante a ter em conta. Cerca de 40 utentes são viúvos, 32 solteiros, 9 casados, 2 divorciados e 5 separados. É importante ter em conta que a solidão resultante da ausência ou dissolução do matrimónio (por viuvez, divórcio ou separação) coloca estes utentes numa situação social de alguma fragilidade.

Depois de caracterizada sucintamente a população que reside no lar de Vila da Pena, é importante conhecer as razões que estiveram na origem do seu ingresso no lar. Para compreender estas razões deve ser considerado o período que antecede este importante e decisivo momento da vida de um idoso. Este diverge de utente para utente, podendo apresentar durações muito diversificadas. Goffman considera que esta fase da vida que antecede a entrada de um utente para uma instituição total estabelece a "transição da pessoa do status civil para o de paciente" (1992:

122). Segundo este autor, esta fase pode ser denominada de pré-utente, uma vez que os indivíduos que se encontram nestas circunstâncias ainda não ingressaram na instituição, e por isso não são pacientes. Mas o seu normal quotidiano já se vê afectado (cf. Goffman, 1992: 114).

Na fase que antecede a entrada dos utentes no lar de idosos tornam-se visíveis um conjunto de circunstâncias que fazem com que este se apresente como a resposta possível, e até certo ponto previsível. Este período surge muito frequentemente como consequência de mudanças, por vezes bruscas, que afectam a normal vivência do quotidiano que os idosos desfrutaram até então. Os factores que se tornaram visíveis e que contribuíram para o desencadear desta fase de transição, que se caracteriza por uma certa desestruturação, são diversos. Segundo Thomas, estes factores podem-se agrupar em três diferentes tipos: a redução da autonomia resultante da debilidade física ou intelectual conjugada com a posse de fracos recursos económicos; o isolamento para o qual contribuem o desaparecimento do conjugue, afastamento dos filhos e amigos e diminuição do sentimento de família; e, finalmente, a perda de interesse existencial. Este autor, corroborando a opinião de Vignat, adverte ainda para a importância da reforma como elemento desestruturante a ter em conta na análise das razões de entrada para o lar (cf. Thomas, 1993: 60). Bazo, numa perspectiva um pouco diferente, considera que as razões subjacentes à entrada dos idosos para um lar se encontram relacionadas com factores de natureza pessoal e psicológica, física, económica e social (cf. 1991: 150).

Os contributos apresentados por estes autores para a análise desta temática são de

extrema importância. Contudo, é importante distinguir o que se considera como factores que podem conduzir a uma situação de dependência relativamente a outros indivíduos e o que pode ser designado por razões de entrada. De uma forma geral, os factores que foram apresentados por Thomas e Bazo devem ser analisados enquanto factores desencadadores da fase que antecede a entrada para o lar, e não directamente a razão da entrada no mesmo. É possível considerar que os elementos que se tornaram visíveis e que desencadaram esta fase confluem num único elemento primordial - a perda de autonomia. Se os indivíduos não experimentam uma situação de perda de autonomia, o apoio dos familiares ou outros não se apresenta como uma necessidade premente sendo possível permanecer na mesma situação. A perda de autonomia e a consequente dependência de outros indivíduos ou serviços pode ocorrer a diversos níveis. Considerando o estado de dependente como uma condição individual que implica algum tipo de incapacidade que produz a necessidade de ajuda, pode-se considerar a dependência física, mental, económica e social como os principais tipos de dependência com que os idosos se tem que confrontar (cf. Kalish, 1996: 156-157). A necessidade de alguém que lhe dê atenção ou afecto, a necessidade de cuidados de saúde específicos, as fracas condições económicas ou a diminuição da rede relacional podem colocar os idosos numa situação de dependência.

Goffman considera que o denunciante e o mediador são elementos fundamentais no processo que conduzirá o idoso ao lar (cf. Goffman, 1992: 116-118). O primeiro, vizinho ou familiar, acompanha de perto todo o processo de perda de autonomia do idoso

alertando para o mesmo e dando-lhe visibilidade. O segundo é um especialista (padre, médico ou assistente social) que acentua a necessidade de encontrar uma resposta específica para a situação do idoso. Esta resposta, dada a falta de alternativas, passa muitas vezes pelo ingresso no lar.

A perda de autonomia apenas conduz ao internamento do idoso num lar se os serviços, o apoio ou a companhia que este necessita não são satisfeitos de forma eficaz a outros níveis. Ainda que as dificuldades económicas, de saúde física ou mental possam acelerar o processo de internamento, a razão deste, não surge tanto pelas circunstâncias que tornaram o indivíduo dependente, mas sim pela ausência ou ineficácia das medidas de apoio encontradas. Grandall conclui a este respeito que não é tanto a falta de saúde a variável determinante para o ingresso das pessoas nos lares, mas sim a falta de apoio social (cf. Grandall, 1980: 310).

O lar, enquanto resposta para a perda de autonomia, raramente se apresenta como a primeira opção. Isto na medida em que a fase que antecede a entrada do idoso para o lar se caracteriza por uma situação intermédia em que o idoso e seus familiares procuram dar outro tipo de resposta à situação vivenciada pelo idoso. Grandall e Williamsn verificaram que grande parte das pessoas que dão entrada num lar viveram anteriormente com um familiar (cf. Grandall, 1980: 310 e Williamsn, 1980: 128). A deslocação para casa de um filho ou outro familiar, a permanência em casa própria com o apoio de serviços domiciliários, dos vizinhos, da empregada ou familiar e o internamento hospitalar são algumas das soluções intermédias encontradas. Estas constituem

formas de prolongar a inserção do idoso no seu meio social ou familiar retardando o ingresso no lar. O insucesso ou a inexistência de alternativas postas à disposição dos idosos como formas de superar ou minimizar a dependência dos utentes, constituem a principal razão de entrada dos idosos para o lar. Um agravamento da situação de dependência e a dificuldade em responder às necessidades ou conflitos gerados entre o idoso e o prestador de apoio são algumas das razões que levam ao insucesso da fase intermédia e que conduzem ao ingresso no lar¹.

Verifica-se assim que a entrada no lar resulta da conjugação de diversas e complexas circunstâncias. Cada um dos factores apontados como causadores da perda de autonomia, por si só, poderiam não implicar necessariamente o ingresso no lar. A conjugação de diversos elementos aos quais o Estado português, a família e a sociedade civil não dão respostas eficazes, ajudam a compreender as razões de ingresso no lar.

A existência de uma situação intermédia corrobora a ideia segundo a qual raramente se ingressa no o lar por vontade própria, mas antes como a última alternativa viável e depois do insucesso de outras medidas (Fesneau cit. in Thomas, 1993: 60 e Fericgla, 1992: 280). Colocam-se algumas questões relativamente à voluntariedade ou não voluntariedade do ingresso no lar. Ainda que por vezes o acto de entrada seja uma opção do próprio idoso, a mesma surge, muitas das vezes, como resultado

1 Os conflitos familiares entre os idosos e as respectivas noras, genros e filhos em caso de coabitação, estiveram muitas vezes na origem do insucesso da mudança residencial para casa dos filhos, provocando posteriormente o ingresso no lar.

de pressões de familiares ou outros elementos que colocam a entrada no lar como uma das poucas opções viáveis.

Muitos utentes procuram fazer querer que a sua entrada se processou de forma voluntária. A rejeição familiar e a consequente involuntariedade do acto de entrada é frequentemente omitida pelos utentes. Verifica-se por vezes uma disparidade entre o parecer técnico da assistente social registado no boletim de inscrição e que procura dar conta dos factores que estão na origem da perda de autonomia e das razões de inexistência de outras formas de apoio, e as razões apontadas pelos utentes. As justificações apontadas pelos idosos, nestes casos, procuram camuflar situações em que se sentem preteridos pela família sendo por isso colocados numa posição de inferioridade relativamente a outros idosos. Os utentes "inventam" uma história táctica relativamente ao seu ingresso no sentido de não serem inferiorizados (cf. Goffman, 1992: 62). Procura-se neste sentido reparar uma situação ofensiva transformando-a numa situação aceitável (cf. Goffman, 1973: 103). O ingresso involuntário no lar, sendo a situação considerada ofensiva, é transformada numa situação aceitável pelos idosos quando estes procuram veicular a ideia de que entraram no lar de livre vontade. Evitam assim ser humilhados pelos outros.

É importante considerar que para alguns utentes, o lar apresentou-se como a primeira e melhor forma de responder às suas necessidades. Estes encontram-se por isso satisfeitos com a opção tomada. Contudo, seria importante diversificar os serviços postos à disposição dos idosos, assim como melhorar as condições proporcionadas pelos já existentes de

forma a que os idosos tenham a possibilidade de optar pela alternativas que mais se adequa à sua situação.

BIBLIOGRAFIA

- BAZO, María Teresa 1991. "Institucionalización de personas ancianas: un reto sociológico", in *Revista Española de Investigaciones Sociológicas*, nº 53, Madrid, Centro de Investigaciones Sociológicas.
- FERICGLA, Josep M. 1992. *Envejec. Una antropología de la ancianidade*, Barcelona, Anthropos Editorial del Hombre.
- GOFFMAN, Erving 1973. *La mise en scène de la vie quotidienne - 2. Les relations en public*, Paris, Éditions de Minuit.
1992. *Manicômios, Prisões e Convento.*, São Paulo, Editora Perspectiva.
1993. *A apresentação do eu na vida de todos os dias*, Lisboa, Relógio D'Água.
- KALISH, Richard A. 1996. *La vejez. Perspectivas sobre el desarrollo humano*, Ediciones Pirámide, Madrid.
- THOMAS, Louis-Vicent 1993. *Antropología de la muerte*, México, Fondo de Cultura Económica.
- WILLIAMSON, J. B. 1980. *Aging and Society: na introduction to Social Gerontology*, New York, Rinehart y Winston.